



**PACTO  
CONTRA  
A FOME**

Análise técnica

# **SOFI 2025**

*O Estado da Segurança Alimentar  
e Nutricional no Mundo 2025*

 /Pacto Contra a Fome

 /Pacto Contra a Fome

 @pactocontrafome

 [pactocontrafome.org](http://pactocontrafome.org)

## 1. Introdução

O relatório The State of Food Security and Nutrition in the World (SOFI), publicado anualmente por FAO, IFAD, UNICEF, WFP e OMS, traz como grande destaque o **Mapa da Fome** baseado na **Prevalência de Subalimentação (PoU – Prevalence of Undernourishment)**, um indicador que estima a proporção da população cuja ingestão habitual de energia alimentar está abaixo do mínimo necessário para manter uma vida ativa e saudável, ou seja, uma **condição de ingestão insuficiente de calorias**.

O relatório também apresenta resultados para a “Insegurança Alimentar Severa” e a “Insegurança Alimentar Moderada e Severa” (somadas), baseadas na percepção dos indivíduos. A condição severa indica restrição extrema, como passar um dia ou mais sem comer, mas **não equivale ao indicador da fome, que é o PoU**.

Diferente das métricas do SOFI, o indicador nacional é baseado na medição realizada pelo IBGE por meio da Escala Brasileira de Segurança Alimentar (EBIA), que indica 3 níveis: insegurança alimentar leve, moderada e **grave. Este último pode ser associado à fome**, pois envolve falta constante de alimentos, inclusive para crianças.

Nota técnica 2024: Acesse [aqui](#) para entender melhor as diferenças entre indicadores

O Brasil já havia mostrado uma queda nessas condições em relação ao triênio anterior, com 3,2% de pessoas em subalimentação (6,7 milhões), número um pouco abaixo do registrado pela PNAD Contínua, de 4,1% (8,7 milhões). Isso pode ser atribuído à retomada do Plano de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e ao aumento de orçamento para políticas de transferência de renda e de segurança alimentar. No último triênio (2022-2024), **o Brasil repetiu o resultado de 2014, saindo do Mapa da Fome ao atingir o critério do PoU abaixo de 2,5%** da população total.

A FAO destaca que o diagnóstico nacional deve referenciar as estratégias de governo. Assim, os dados apresentados permitem situar o **desempenho brasileiro** frente às dinâmicas globais e **apoiar o debate sobre os desafios e ameaças** que vulnerabilizam ainda mais famílias pobres, mulheres – especialmente mães solo –, crianças e a população

rural no acesso efetivo ao alimento e a dietas saudáveis e potencializam o efeito de desigualdades estruturais.

A saída do Mapa da Fome nos coloca num **patamar diferenciado de referência e relevância**. Esse marco histórico sinaliza o efeito da retomada e do investimento em políticas públicas, potencializadas pela **participação social e pelo protagonismo da sociedade civil** no resgate e distribuição de alimentos excedentes. No entanto, a fome não será erradicada enquanto alimentos seguros e nutritivos não estiverem disponíveis, acessíveis ou continuarem sendo muito caros para boa parte da população, que não tem renda suficiente para pagar por despesas básicas e se alimentar adequadamente.

## 2. Análise do Relatório

### 2.1 Prevalência de subalimentação no Brasil e no mundo<sup>1</sup>

Em 2024, a fome atingiu 8,2% da população global (673 milhões), o que representa uma redução de 15 milhões (8,5%) em relação a 2023 e 22 milhões (8,7%) comparativamente a 2022, ou seja, estamos evoluindo vagarosamente. O mundo tem enfrentado desafios no avanço da meta do ODS2.1 (Fome Zero) e o progresso vem de forma desigual.

A maioria das **sub-regiões da África (20%) e da Ásia Ocidental (12,7%) enfrentam aumento da fome**, que afeta 307 milhões e mais de 39 milhões, respectivamente. Em contraste, o **progresso é notável na América Latina e Caribe (5,1%) e no sudeste do continente asiático (6,7%)**. O relatório de 2025 destaca o Brasil **como um dos protagonistas nos avanços recentes da segurança alimentar e nutricional em sua região**, que apresentou melhorias consistentes puxadas pelo desempenho brasileiro.

Entre os fatores que estão **freando a recuperação da segurança alimentar pós COVID-19**, o relatório enfatiza o aumento considerável dos preços dos alimentos no varejo desde 2020, reflexo da maior volatilidade nos mercados agrícolas e pressões persistentes ao produtor e ao consumidor. Nesse cenário, as **famílias mais pobres tendem a optar por alimentos mais baratos e, geralmente, menos nutritivos, ou precisam reduzir a**

---

<sup>1</sup> A prevalência de Subalimentação(PoU) mede se a ingestão habitual de alimentos é insuficiente para fornecer os níveis de energia dietética necessários para manter uma vida ativa e saudável. Em 2024, criamos um material que explica um pouco sobre esse conceito e que pode ser consultado nas referências deste documento.

**quantidade** que compram, o que deteriora a qualidade das dietas. Em ambos os casos, **eleva-se o risco de insegurança alimentar**.

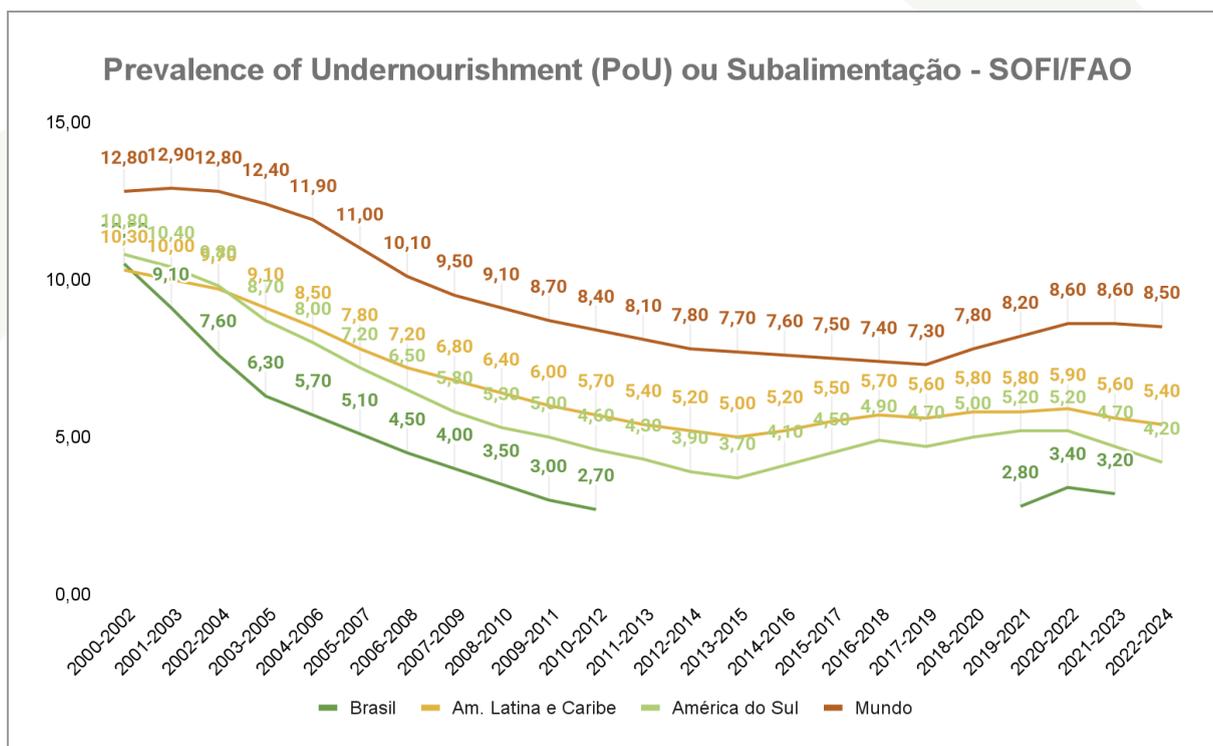


Gráfico - Evolução da subalimentação no Brasil comparada à média global, à média da América Latina e Caribe e à média da América do Sul

O percentual de pessoas em situação de subalimentação (PoU) no Brasil **caiu de 3,2% no triênio 2021-2023, para menos de 2,5% no triênio 2022-2024**, tirando o Brasil **novamente** do Mapa da Fome.

No mesmo período, na América do Sul, a queda do percentual também foi significativa, de 4,7% para 4,2%. A mesma tendência de queda foi observada na América Latina e Caribe, com redução de 5,6% para 5,4% e no mundo, de 8,6% para 8,5%.

Vale ressaltar as substanciais **revisões nos dados apresentados no relatório anterior, referente ao triênio 2021-2023**. No Brasil, o percentual foi revisado de

3,9% para 3,2%. Na América do Sul, a revisão foi de mais de 1 ponto percentual, de 5,9% para 4,7%. Já na América Latina e Caribe, a redução foi de 6,6% para 5,6%. Por fim, no mundo, o percentual foi revisado de 3,9% para 3,2%.

## 2.2 Insegurança alimentar severa no Brasil e no mundo

A insegurança alimentar não se limita à falta de alimentos, inclui também problemas relacionados à má qualidade das dietas e aos ambientes alimentares não saudáveis. Na forma severa, a percepção das pessoas inclui episódios mais extremos, como passar um dia inteiro sem comer.

O relatório sinaliza que **é preciso olhar para todas as formas de insegurança alimentar**, da leve à severa, e integrar políticas que combatam simultaneamente a fome, a obesidade e outras formas de má nutrição.

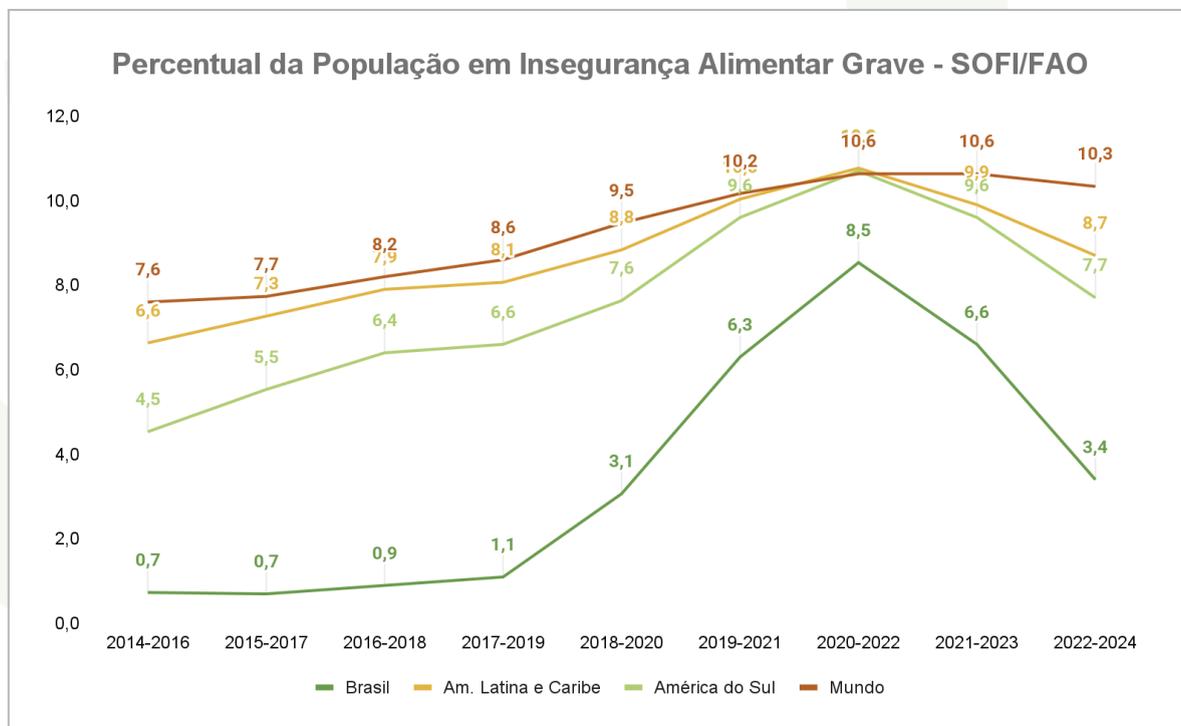


Gráfico - Evolução da Insegurança Alimentar Severa no Brasil comparado à média global, à média da América Latina e Caribe e à média da América do Sul



A insegurança alimentar severa recuou levemente no mundo, com destaque para a América Latina e a América do Sul. No Brasil, a queda do último triênio para o atual foi de 6,6% (14 milhões), uma redução de **48,5%, atingindo agora 3,4% da população (7,1 milhões)**. Isso significa que **6,9 milhões de brasileiros deixaram de conviver com esse tipo de insegurança alimentar**. Na América do Sul, o número passou de 9,6% para 7,7%, uma redução de **19,8%** em relação ao triênio anterior. Já na América Latina e Caribe, a redução foi de 9,9% para 8,7%, uma queda de **12,1%** em relação ao dado anterior. No mundo, foi de 10,6% para 10,3%, uma redução de apenas **2,8%**.

### **2.3 Insegurança Alimentar Moderada e Severa no Brasil e no mundo**

A prevalência de Insegurança Alimentar Moderada e severa estimada pela FAO no relatório SOFI representa a proporção de pessoas que enfrentaram dificuldades no acesso a alimentos por falta de recursos ao longo do ano, o que resulta na redução da qualidade, diversidade e quantidade dos alimentos.

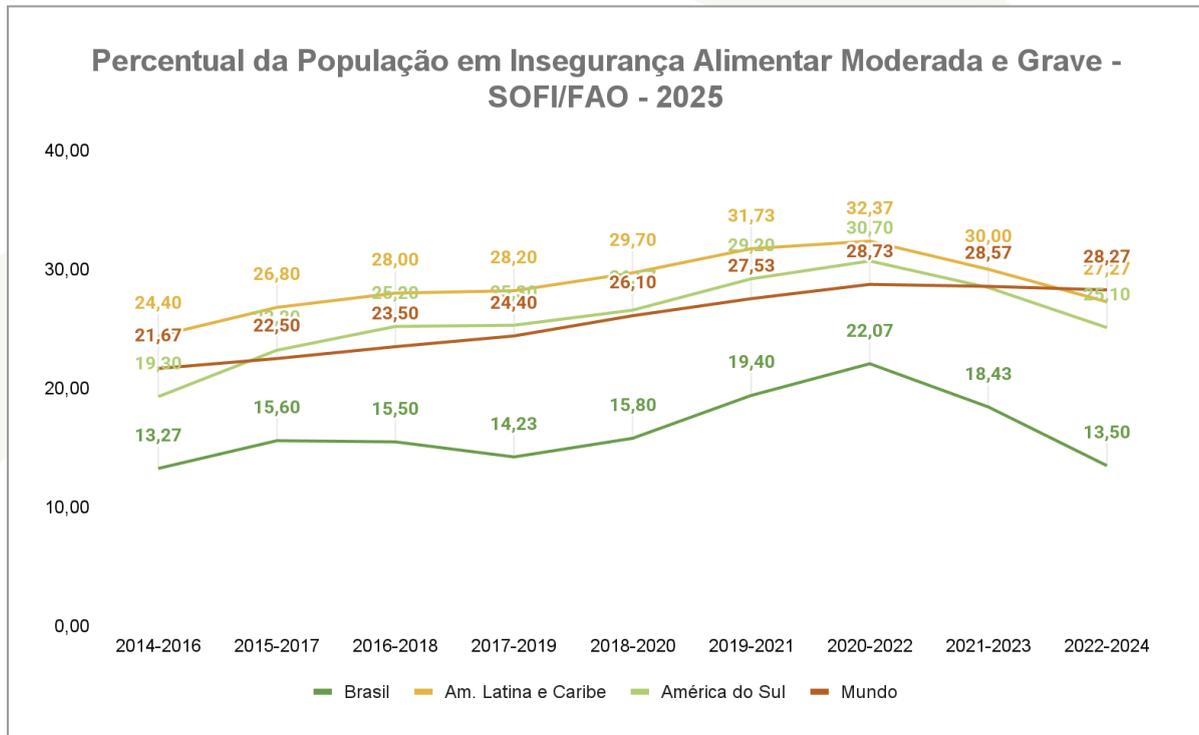


Gráfico - Evolução da Insegurança Alimentar Moderada e Severa no Brasil comparado à média global, da América Latina e Caribe e da América do Sul

A insegurança alimentar moderada e severa no Brasil caiu de 18,4% para 13,5%, uma queda de **26,6%**, atingindo ainda 28,5 milhões de pessoas – menor percentual da série desde 2015-2017. A tendência de queda também foi observada na América do Sul e na América Latina e Caribe, mas em menor magnitude: de 28,5% para 25,1% (**-11,9%**) e de 30% para 27,3% (**-9,0%**), respectivamente.

No mundo, a tendência neste triênio foi de estagnação em comparação com o anterior, com possível crescimento no longo prazo.

## 2.4 Custo de uma dieta saudável (CoHD)

O aumento do custo da alimentação implica na perda da qualidade do padrão alimentar, cujas consequências afetam desde o desenvolvimento físico e cognitivo de crianças até as condições de saúde de adultos em idade produtiva. O crescimento de doenças crônicas não transmissíveis relacionadas à má alimentação é um dos grandes fatores de aumento de mortes prematuras e da demanda por tratamento e internação no SUS. No Brasil, a obesidade, por exemplo, já atinge um em cada quatro adultos.

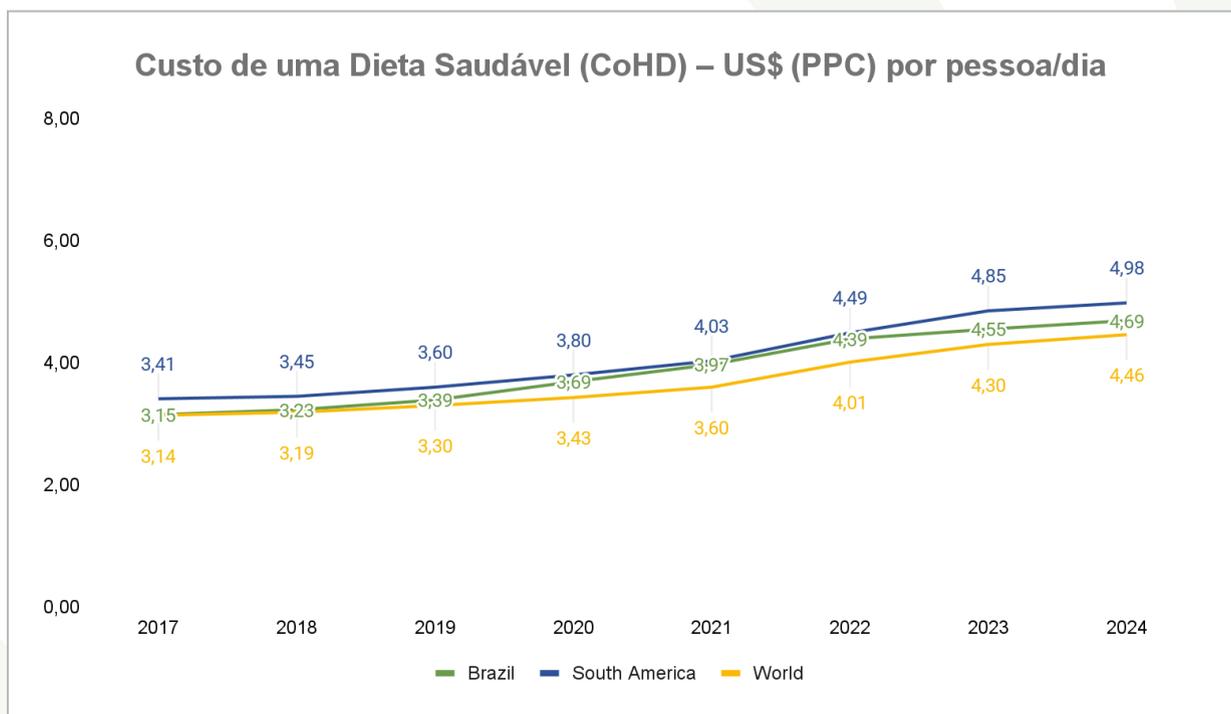


Gráfico - Custo de uma Dieta Saudável (CoHD) em US\$ por pessoa/dia (PPC).

O custo médio de uma dieta saudável alcançou 4,46 dólares por dia no mundo, uma variação de 42,0% em relação a 2017.

Já no Brasil, o custo chegou a 4,69 dólares, uma variação de 48,9% em relação ao início da série histórica e de 3,1% em relação ao ano anterior. Na América do Sul, o



custo chegou a 4,98 dólares, acima da média global, uma variação de 46,0% e de 2,7%, respectivamente.

Ao comparar esse custo com as rendas disponíveis nos países<sup>2</sup>, conclui-se que 31,9% da população global não consegue comprar uma refeição. No Brasil, esse percentual chega ao equivalente a 50,2 milhões de pessoas (23,7%).

### 3. O que possibilitou a saída do Brasil do Mapa da Fome?

O Brasil tem demonstrado capacidade institucional de mitigar o percentual de Insegurança Alimentar Grave<sup>3</sup> por meio da consolidação de políticas públicas universais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan), a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), o Programa Bolsa Família (PBF), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Cisternas, construídas **com forte componente de participação social** e articulação de instrumentos como transferência de renda, apoio à agricultura familiar e acesso à alimentação.

#### Avanços e desafios

Em 2004, os dados do IBGE indicavam que 6,9% da população vivia em condição de insegurança alimentar grave, percentual que caiu para 3,2% em 2013, ano em que saímos do Mapa da Fome pela primeira vez.

A partir de 2016, o país passou por um **ciclo de instabilidade política e retração econômica acompanhado de aceleração inflacionária**, especialmente no setor de alimentos. Isso culminou no enfraquecimento de programas e no desmonte

---

<sup>2</sup> Banco Mundial - Poverty and Inequality Platform

<sup>3</sup>Insegurança alimentar grave: caracterizada pela quebra do padrão usual da alimentação, com comprometimento da qualidade e redução da quantidade de alimentos de todos os membros da família, inclusive das crianças residentes no domicílio, podendo ainda incluir a experiência de fome.



de espaços de participação social, fragilizando a rede de proteção, processo agravado pela crise sanitária decorrente da pandemia de COVID-19 e por outros fatores políticos, levando 15,2% da população (cerca de 33 milhões de pessoas) ao nível mais grave da insegurança alimentar.

A resposta de **recuperação** após a crise sanitária, com retomada de políticas públicas de segurança alimentar e restabelecimento da participação social por meio do Consea e Sisan, reflete na redução da Insegurança Alimentar Grave para 4,1% (8,7 milhões) da população, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) realizada pelo IBGE em 2023.

Além disso, políticas como o Programa Bolsa Família foram reformuladas com melhorias nas condicionalidades e focalização, incremento nos valores e inclusão de benefícios adicionais para primeira infância, crianças, adolescentes e gestantes. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que contempla cerca de 40 milhões de estudantes, passou por reajustes superiores a 40% nos repasses, ainda que com perda de compra expressiva mediante a inflação de alimentos.

Paralelamente, programas voltados para a agricultura familiar, como o Garantia-Safra e o Cisternas, bem como incentivos à produção urbana de alimentos, ações emergenciais no Programa Nacional de Cozinhas Solidárias e auxílios em casos de eventos climáticos extremos foram fortalecidos, e fizeram diferença mesmo enfrentando desafios de cobertura e de articulação com outros instrumentos.

### **Aprendizados para não repetir o passado**

O relatório SOFI 2025 **reconheceu a trajetória positiva do Brasil, situando o país como destaque regional** na redução da prevalência de subalimentação (PoU) e impacto nos resultados da América do Sul.



Apesar do progresso, ainda é preciso **combater os bolsões de fome e insegurança alimentar entre grupos que não são plenamente atendidos pelas políticas públicas vigentes**, pessoas não documentadas, em situação de rua ou em contextos de mobilidade e transitoriedade no país.

O relatório alerta para o risco global de persistência da inflação de alimentos, das desigualdades territoriais e dos efeitos de choques climáticos e de crises políticas, que **podem colocar o poder de compra das famílias mais vulneráveis em risco**.

Por isso, a superação definitiva da fome exigirá o fortalecimento permanente do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan) e do Sistema Único de Assistência Social (Suas), assim como do Sistema Único de Saúde (SUS), reconhecido como um pilar universal e bem articulado de manutenção da saúde.

A sustentabilidade dos avanços alcançados até aqui dependerá da capacidade do país em consolidar uma institucionalidade robusta e resiliente nesse sentido, integrando esses sistemas e garantindo sua rastreabilidade, efetividade e respostas coordenadas.



## Equipe Técnica

### **Bárbara Marra**

Analista de Comunicação

### **Caio Sousa**

Analista de Inteligência Estratégica

### **Felipe Amorim Pereira**

Consultor de dados

### **Luan Paciencia**

Consultor de dados

### **Moni Kelly Soares**

Analista de Inteligência Estratégica

### **Sulamita Santana**

Coordenadora de Inteligência Estratégica

### **Ricardo Mota**

Gerente de Inteligência Estratégica

## Colaboração

### **Walter Belik**

Co-fundador do Instituto Fome Zero

### **Ana Luiza Gomes Domingos**

Doutora em Ciência da Nutrição e Consultora em Segurança Alimentar e Nutricional

### **Natalia Figuerôa Simões**

Nutricionista, mestre em Saúde e Nutrição